



Carta Pastoral

PEREGRINOS DA ESPERANÇA

DOM PAULO CEZAR COSTA
CARDEAL ARCEBISPO DE BRASÍLIA



CARTA PASTORAL PEREGRINOS DA ESPERANÇA

Peregrinos da Esperança é a nossa vocação. Ser peregrino relembra os nossos antepassados na fé, que, ouvindo um chamado, se colocaram a caminho. Relembra a nossa vocação. Também eu me sinto um peregrino. O Senhor me tirou da minha comodidade, me conduziu ao Rio de Janeiro, depois a São Carlos e, agora, a esta grande, bela e desafiadora cidade de Brasília.

Dia 12 de dezembro, dia da festa de Nossa Senhora de Guadalupe, entrei na vida desta Arquidiocese como seu quinto Arcebispo. Vim com o propósito de encontrar esta grande cidade e entrar na vida desta bela Igreja que aqui existe, que aqui já peregrinava há mais de cinco décadas e que, neste ano de 2025, celebra 65 anos de caminhada. Busquei fazer isso com respeito, mas, ao mesmo tempo, marcado por um caminhar apressado no sentido bíblico. O Evangelho lido daquele dia (Lc 1,39-45) narra a pressa de Maria. Fiz o seguinte comentário: “O texto bíblico diz que ‘Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade da Judeia’. A imagem da pressa de Maria evoca a vida moderna de uma cidade como Brasília. Relembra a cultura urbana, homens e mulheres que todos os dias se apressam com mil afazeres. Brasília é a cidade das grandes decisões para a vida do nosso amado Brasil, pois aqui estão os poderes da República: executivo, legislativo e judiciário. Mas o dirigir-se apressadamente propõe um horizonte mais largo, pois significa a disponibilidade para a realização da vontade de Deus. Essa imagem relembra que os mil afazeres e decisões, se não são colocados no horizonte de Deus, não atingem a totalidade da realidade. A história, os fatos, os acontecimentos, as grandes e pequenas decisões, sem Deus, não

conseguem atingir a sua plenitude, pois partem de um olhar parcial da realidade. Bento XVI já alertava que “quem exclui Deus de seu horizonte falsifica o conceito de realidade”. Essa imagem relembra-nos, sempre, que nosso papel é aquele de colocar Deus no centro da vida desta cidade. E, colocando Deus no centro, vamos ao encontro de todos e todas. É isso que temos buscado fazer nesses quatro anos e continuaremos a perseguir com afinco.

Fui acolhido com grande carinho por todos, e só posso manifestar minha alegria de ter-me encontrado e entrar a fazer parte da história desta Igreja repleta de dons em suas comunidades vivas, em seu presbitério dedicado, em seu laicato comprometido, em seus religiosos e religiosas dedicados, etc. Nossa missão é aquela de continuar a ser portador da alegria e da esperança que provém da fé em Cristo morto e ressuscitado. Já percorremos um bonito caminho, mas, junto a vocês, inspirado na “pressa” de Maria, queremos continuar a trilhar o caminho de Deus, indo ao encontro de todos pela via luminosa de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, nossa única e verdadeira esperança.

Em sintonia com o Santo Padre Francisco, que nos convoca a viver este ano de graça, este Ano Jubilar da Esperança, apresento esta minha primeira Carta Pastoral. Quero que ela seja um instrumento que nos ajude a viver bem este ano jubilar e continuar a trilhar o nosso caminho de Igreja sendo uma Igreja evangelizadora e missionária. A carta está dividida em três partes: na primeira, convido-os a retomarmos juntos alguns aspectos essenciais da teologia cristã da esperança; na segunda, proponho caminhos para que possamos viver, de modo prático e fecundo, este ano jubilar em nossas Paróquias e em toda a Arquidiocese; finalmente, na terceira parte, compartilho alguns pensamentos que ocupam meu coração de

pai e pastor, e que gostaria de reafirmar na vida da nossa Igreja.

Desejo que ela seja um instrumento de reflexão, inspiração e estímulo em nosso caminho de Igreja Arquidiocesana, ao mesmo tempo sinodal e missionária, que busca acolher os sinais de Deus na história e responder com generosidade aos desafios da tarefa bonita e desafiadora da evangelização do nosso amado Distrito Federal. Agradeço a todos que, com generosidade e dedicação, têm contribuído para a construção de uma Igreja viva e fiel ao Evangelho em nossa Arquidiocese, e convido a receberem esta carta com o mesmo amor e entusiasmo com que a escrevo. Que ela nos inspire a viver este tempo jubilar como uma oportunidade de crescer na fé, na esperança e no amor a Deus, fortalecendo nossa comunhão e renovando nosso ardor missionário. Confio esta Carta à Virgem Maria, Mãe da Esperança, que nós invocamos com o título de Nossa Senhora Aparecida, e peço a sua intercessão para que este Ano Jubilar seja, para todos nós, tempo fecundo de renovação e de graça.

1. PEREGRINOS DA ESPERANÇA

Talvez a imagem do peregrino seja a mais adequada para descrever o ser humano de hoje. A imagem do peregrino revela a nossa condição humana de caminhantes, de seres que estão sempre em busca. Desde as origens, e não só no cristianismo, mas também nas grandes religiões, tem-se a experiência da peregrinação. A Escritura narra grandes peregrinações: Abraão peregrinou, Moisés peregrinou, Israel peregrinou rumo à terra prometida; Jesus peregrinou a Jerusalém e era um mestre itinerante; os primeiros discípulos foram peregrinos no anúncio do Evangelho. Paulo peregrinou fazendo com que o Evangelho saísse de Antioquia na Síria e

chegasse até Roma, centro do mundo político de então. A peregrinação nos une aos nossos antepassados na experiência da fé, na percepção de que a fé é um grande caminho que nos coloca na condição de peregrinos rumo ao infinito, diante do qual somos sempre mendigos.

A imagem do peregrino relembra para nós caminho; que a vida cristã é uma peregrinação e que, nesse caminhar, “precisamos de momentos fortes para nutrir e robustecer a esperança, insubstituível companheira que permite vislumbrar a meta: o encontro com o Senhor Jesus”¹. A peregrinação é um elemento forte dos jubileus e quer ser também deste, pois no caminhar revela-se a nossa identidade de peregrinos que estão sempre buscando realização, felicidade e um sentido que preencha o vazio da vida e da existência. Caminhar torna-se um verdadeiro canto de esperança. Quando peregrinamos, principalmente como comunidade, reconhecemo-nos como Povo de Deus a caminho, rumo à Jerusalém celeste, onde o próprio Cristo se faz peregrino e caminha conosco.

O ser humano é um ser que espera, mas a precariedade da nossa condição de peregrinos nos faz deparar com a imprevisibilidade diante do futuro, com os insucessos na vida do dia a dia, com os problemas econômicos e sociais etc., que podem ir minando a nossa esperança. “Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham, com ceticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade”, comenta Papa Francisco². O jubileu quer nos colocar na dinâmica da esperança, quer reacender em nós, a partir da fé, a grande esperança. O conceito de esperança mostra que o nosso peregrinar não é vazio, mas cheio dessa virtude. A esperança não é só um sentimento interior, uma dinâmica humana e histórica, é muito mais, é o encontro com aquele que

1. PAPA FRANCISCO, *Spes non confundit*, 5.

2. PAPA FRANCISCO, *Spes non confundit*, 1.

é a razão da nossa esperança, Cristo morto e ressuscitado. Por isso caminhamos dando essas razões, como nos exorta São Pedro: “Estai sempre prontos a responder (...) a todos que vos perguntarem a razão de vossa esperança” (1Pd 1,3;3,15).

A esperança cristã se fundamenta na fé. Quem tem fé tem esperança para esta vida e, ainda, para a eternidade, pois a fé nos dá a certeza de que o Senhor caminha conosco nesta vida e abre a nossa existência para a eternidade de Deus. A epístola aos Tessalonicenses chama os homens que não pertencem a Cristo, simplesmente, “os sem esperança”. A esperança cristã se fundamenta em Cristo, nele está a nossa esperança.

Bento XVI, na *Spe Salvi*, afirma: “O cristianismo não tinha trazido uma mensagem sociorrevolucionária semelhante à de Spartacus que tinha fracassado após lutas cruentas. Jesus não era Spartacus, não era um guerreiro em luta por uma libertação política, como Barrabás ou Bar-Kochba. Aquilo que Jesus — Ele mesmo morto na cruz — tinha trazido era algo de totalmente distinto: o encontro com o Senhor de todos os senhores, o encontro com o Deus vivo e, deste modo, o encontro com uma esperança que era mais forte do que os sofrimentos da escravatura e, por isso mesmo, transformava a partir de dentro a vida e o mundo”³.

O anúncio de Jesus Cristo tem que ser portador de esperança. A esperança cristã se fundamenta na memória de Cristo. Bento XVI afirma: “No Novo Testamento, esta espera de Deus, este estar da parte de Deus assume um novo significado: é que, em Cristo, Deus manifestou-Se. Comunicou-nos já a ‘substância’ das coisas futuras, e assim a espera de Deus adquire uma nova certeza. É espera das coisas futuras a partir de um dom já presente. É espera — na presença de Cristo, isto é, com Cristo presente

3. BENTO XVI, *Spe Salvi*, 4.

— que se completa no seu Corpo, na perspectiva da sua vinda definitiva”⁴. Assim, duas perspectivas são essenciais para fundamentar a nossa esperança: o mistério de Cristo, principalmente a sua morte e ressurreição, e a presença do Senhor no meio de nós, no hoje da história.

A ressurreição de Cristo dos mortos nos diz que Ele não se encontra mais entre os mortos e que, portanto, a ordem deste mundo mortal foi rompida e a história se abriu definitivamente à grande esperança da fé. O grande anúncio daquele primeiro dia da semana: “Ressuscitou, não está mais aqui”. As aparições do ressuscitado são mencionadas explicitamente no kerigma primitivo (1Cor 15,3-8). Paulo recorda cinco aparições: a Cefas, aos doze, a quinhentos irmãos, a Tiago, a todos os apóstolos e, por fim, a ele mesmo⁵. Marcos não narra nenhuma; Mateus narra duas aparições: uma em Jerusalém (28,9-10) e outra na Galileia (28,16-20); Lucas recorda três aparições e somente na Galileia: aos discípulos de Emaús(24,3-33), a Simão (24,34) e a todos os discípulos (24,36-53). O evangelho de João interessa-se somente por Jerusalém, relatando aparições a Maria Madalena (20,11-18) e aos discípulos, primeiro sem Tomé e depois com ele (20,19-28); mas o apêndice do capítulo 21 nos leva à Galileia (aparição aos discípulos, dando maior destaque a Pedro). O livro dos Atos dos Apóstolos supõe uma sucessão de aparições (1,3; 10,41; 13,31), se iniciando com a última aparição do ressuscitado aos apóstolos (1,6-11).

A ressurreição é um evento de salvação, não diz somente respeito a Cristo, mas constitui o início e a antecipação da geral ressurreição dos justos. Jesus é o primeiro ressuscitado, inaugura um mundo novo e um

4. BENTO XVI, *Spe Salvi*, 9.

5. Sobre os componentes e a importância desses testemunhos arcaicos, além dos comentários, J. Caba, *Cristo mia speranza, é risorto*, 126-136; J. Lambrecht, «Line of Thought in 1Cor 15,1-11», *Gregorianum* 72 (1991), 655-670.

novo gênero humano, que historicamente se visibiliza na Igreja, sacramento da sua presença salvífica. Paulo desenvolve o discurso sobre a ressurreição dos mortos a partir da ressurreição de Cristo (1Cor 15).

No Cristo ressuscitado, o *eschaton* é já presente em toda a sua ação de nova qualidade de vida divina. A ressurreição marca o início da recriação definitiva operada por Deus, que, mais uma vez, se define como o Deus que dá a vida⁶. Com a ressurreição, tiveram início os eventos salvíficos últimos e definitivos. Ela abre o futuro como futuro de vida e não só como simples tempo a vir. Essa é a grande esperança do cristão. O Cristo ressuscitado é, assim, a semente da “nova humanidade”, que, imersa na velha humanidade, a liberta da escravidão do pecado, da lei e da morte. Jesus ressuscitado é o homem novo, e abre à humanidade um futuro de novidade absoluta.

A ressurreição de Cristo abriu a nossa existência a uma dimensão de eternidade, ancorou a nossa existência na grande esperança. Diz Papa Francisco: “Cristo *morreu, foi sepultado, ressuscitou, apareceu*. Por nós, passou através do drama da morte. O amor do Pai ressuscitou-O na força do Espírito, fazendo da sua humanidade as primícias da eternidade para a nossa salvação. A esperança cristã consiste precisamente nisto: face à morte onde tudo parece acabar, através de Cristo e da sua graça que nos foi comunicada no Batismo, recebe-se a certeza de que ‘a vida não acaba, apenas se transforma’, para sempre. Com efeito, sepultados juntamente com Cristo no Batismo, recebemos n’Ele, ressuscitado, o dom duma vida nova, que derruba o muro da morte, fazendo dela uma passagem para a eternidade”⁷.

A vida eterna será a realização definitiva da nossa grande esperança.

6. W. Kasper, *Gesù il Cristo*, Brescia: Queriniana, 1975, 196-220

7. PAPA FRANCISCO, *Spes non Confundit*, 20.

Papa Francisco descreve com beleza a eternidade: “Então, que será de nós depois da morte? Com Jesus, além deste limiar, há a vida eterna, que consiste na plena comunhão com Deus, na contemplação e participação do seu amor infinito. Tudo o que agora vivemos na esperança, vê-lo-emos então na realidade. A propósito, escreveu Santo Agostinho: ‘Quando me unir a Vós com todo o meu ser, não existirá para mim em lado algum dor e tristeza. A minha vida será uma vida verdadeira, totalmente cheia de Vós’. Então, o que caracterizará tal plenitude de comunhão? O ser feliz. *A felicidade* é a vocação do ser humano, uma meta que diz respeito a todos”⁸.

Mas a esperança cristã se fundamenta, também, na certeza de que o Senhor está no meio de nós, caminha conosco na história, pode ser encontrado no hoje da história. Jesus Cristo não é uma pessoa do passado. Ele se dá a nós no hoje da história. Ele pode ser encontrado através da Palavra de Deus. São Jerônimo dizia que “ignorar as Escrituras é ignorar o próprio Cristo”, principalmente na Palavra proclamada na liturgia, afirmando a *Sacrossantum Concilium* que, quando a Palavra é proclamada, o próprio Deus nos fala e, quando o Evangelho é proclamado, o próprio Cristo nos fala. O Senhor continua a nos falar hoje. Através da Eucaristia, Ele continua nos alimentando hoje, pois a Eucaristia é o próprio Cristo, como dizia São Justino: “Este pão é Cristo”. Na assembleia litúrgica reunida, Ele está presente; e, ainda, no irmão necessitado que bate à nossa porta, é Ele próprio que nos interpela. Ele continua a dialogar conosco através da oração e a falar conosco através da voz da consciência.

São Paulo, na epístola aos Romanos, nos mostra que a esperança não engana: “Ora, a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”

8. PAPA FRANCISCO, *Spes non Confundit*, 21.

(Rm 5,5). A esperança não engana, pois Deus derramou nos nossos corações um amor totalmente gratuito e imerecido. Esse amor nos foi dado pelo Espírito Santo. Existe uma estreitíssima conexão entre esse amor derramado e o Espírito Santo, quase que podemos dizer que esse amor de Deus é o Espírito Santo. O amor divino nos foi derramado e, junto com este, foi-nos dado o Espírito Santo. O Espírito Santo habitando no cristão fundamenta a esperança, mas não uma esperança qualquer, mas a esperança da glória de Deus (Rm 5,3).

Por isso, o Papa Francisco afirma: “Na verdade, é o Espírito Santo, com a sua presença perene no caminho da Igreja, que irradia nos crentes a luz da esperança: mantém-na acesa como uma tocha que nunca se apaga, para dar apoio e vigor à nossa vida. Com efeito, a esperança cristã não engana nem desilude, porque está fundada na certeza de que nada e ninguém poderá jamais separar-nos do amor divino: ‘Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? (...) Mas em tudo isso saímos mais do que vencedores graças Àquele que nos amou. Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Senhor nosso’ (Rm 8,35.37-39). Por isso mesmo esta esperança não cede nas dificuldades: funda-se na fé e é alimentada pela caridade, permitindo assim avançar na vida. A propósito escreve Santo Agostinho: ‘Em qualquer modo de vida, não se pode passar sem estas três propensões da alma: crer, esperar, amar’”⁹.

9. PAPA FRANCISCO, *Spes non confundit*, 3.

2. UMA IGREJA PEREGRINA E PORTADORA DE ESPERANÇA

Neste ano jubilar, em que somos chamados a tomar consciência da nossa condição de peregrinos, queremos que nossas pastorais e movimentos sejam portadores da esperança. Quem vive ancorado na grande esperança da fé torna-se sinal de esperança para este mundo que apresenta sinais de falta de esperança. Onde não há esperança, vão se perdendo as motivações para uma vida autenticamente humana, e esse pessimismo existencial vai contaminando a vida da sociedade através da crise na transmissão da vida, através do descuido pela casa comum, da afronta à dignidade humana etc. A Igreja deve ser sinal de esperança e ajudar a sociedade a descobrir esses sinais de esperança.

Proponho que o jubileu, este tempo de graça, seja vivido de forma intensa nas nossas Paróquias. Elas possuem um papel central, pois são “a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”. A Igreja, Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito, se faz concretamente presente no meio do povo através da Paróquia. O nosso amado povo experimenta a Igreja, de uma forma concreta, na Paróquia. Isso implica dizer que a concretude da Igreja se dá através da Paróquia. Como é a Paróquia, assim será a experiência que as pessoas têm da Igreja. Como viver o jubileu nas Paróquias? Como fazer com que, através de pequenas iniciativas, a fé possa encher o coração de esperança? Proponho algumas iniciativas que podem ser acrescidas de outras:

1. VALORIZAR A ORAÇÃO COMO ESCOLA DA ESPERANÇA. Proporcionar, para a comunidade, momentos fortes de oração, adoração, oração do terço etc. A oração é uma

grande escola de esperança, pois ela mantém o nosso coração aquecido naquele que é o autor da nossa esperança, Jesus Cristo. Na oração, desenrola-se aquele diálogo amoroso com Jesus, por obra do Espírito Santo, que nos faz viver uma relação profunda de amor com Jesus e com o Pai. Quem reza experimenta o amor de Deus, vive uma relação pessoal com Deus; quem não reza corre o risco de não viver uma relação pessoal com Deus e ter uma imagem longínqua dele. Essa relação aquece a alma e sustenta a nossa caminhada e nossas opções. A oração nos coloca em relação com aquele que é a nossa origem e o nosso destino. O coração humano precisa estar ancorado, aquecido pelo amor de Deus. O exemplo do Cardeal Nguyen Van Thuan nos ajuda, pois, “durante treze anos de prisão numa situação de desespero total, a escuta de Deus, o poder falar-lhe tornaram-se para ele uma força crescente de esperança que, após a sua libertação, lhe permitiu ser para os homens em todo o mundo uma testemunha da esperança (...)”¹⁰.

2. OFERECER MOMENTOS DE ESPIRITUALIDADE E DE ESTUDO SOBRE A BULA SPES NON CONFUNDIT. Sugiro que, durante o ano, se possam oferecer alguns momentos fortes de espiritualidade e de estudo sobre o rico texto da bula de convocação do ano jubilar, em que o nosso amado povo possa ter o coração aquecido com a espiritualidade da esperança e aprofundar, através do estudo, noites de formação, tardes de espiritualidade, palestras etc., as razões da nossa esperança.

10. BENTO XVI, Spe Salvi, 32.

Iniciativas simples, mas que ajudam as pessoas a reavivarem a sua espiritualidade e a crescerem numa vida de esperança.

3. PREPARAR E ORGANIZAR A PEREGRINAÇÃO ÀS IGREJAS JUBILARES DA ARQUIDIOCESE DE BRASÍLIA: CATEDRAL METROPOLITANA DE NOSSA SENHORA APARECIDA E BASÍLICA SANTUÁRIO SÃO FRANCISCO DE ASSIS. A peregrinação, como já foi exposto, é um momento forte do ano jubilar. Essa peregrinação relembra a todos nós que somos peregrinos, que estamos a caminho. O ser humano é por excelência um peregrino, que não caminha sozinho, pois vive a sua fé numa comunidade e com o coração cheio de esperança. Devem ser momentos bem preparados, caracterizando experiências fortes na vida da Paróquia, nos quais os fiéis possam aurrir das graças especiais do jubileu para suas vidas, para a vida de suas famílias e renovar-se espiritualmente. A Arquidiocese sugere que esses momentos sejam preparados com um tríduo.

4. INTENSIFICAR A CRIAÇÃO NAS PARÓQUIAS DAS PEQUENAS COMUNIDADES QUE SE REÚNEM AO REDOR DA PALAVRA. Neste ano de 2024, propusemos ler o evangelho de São Marcos; para o ano de 2025, proponho que leiamos, como Arquidiocese, o evangelho de São Lucas, evangelho da Misericórdia. Lendo, meditando e rezando com a Palavra de Deus, vai se desvelando diante de nós o nosso caminho de cristãos. Alcuíno dizia que a Palavra de Deus “é a mesa de Cristo (...) na qual nos alimentamos, compreendemos aqui-

lo que devemos amar, desejar e em que ter os olhos fixos”.¹¹ Temos a firme convicção de que a Palavra de Deus ouvida,

meditada e rezada formou, no decorrer da história da salvação, homens e mulheres livres e operantes, amigos e amigas de Deus. Hoje, ela quer continuar a realizar essa mesma obra formando verdadeiros discípulos missionários comprometidos com Jesus Cristo e com o seu Evangelho. A pequena comunidade que se reúne ao redor da Palavra vai se fortalecendo na fé, caminhando com esperança e tornando-se missionária.

5. AS PASTORAIS, MOVIMENTOS, GRUPOS REFLETAM SOBRE O TEMA DO JUBILEU E PENSEM GESTOS CONCRETOS QUE SEJAM PORTADORES DE ESPERANÇA. Proponho que se valorizem e fortaleçam, em nível paroquial, aquelas pastorais e movimentos envolvidos com as dimensões indicadas nos números 7 a 15 da *Spes non confundit*, que Papa Francisco chama sinais de esperança. Entre esses sinais de esperança, enfatizo o projeto Não Temas, Maria, que se propõe à proteção e valorização das mulheres diante da realidade da violência contra elas. Sugiro que todos se sintam interpelados: pastorais, movimentos, os diversos grupos, catequese, vicentinos etc. busquem, através de ações concretas, ser missionários da esperança, da grande esperança que provém da fé. Cada grupo deve se perguntar: como posso, concretamente, ser testemunha da grande esperança de Cristo Morto e Ressuscitado que vive no meio de nós? No testemunho, a fé torna-se vida, torna-se expressão de um coração que ama à

11. ALCUÍNO DE IORQUE, In Os. 127; PL 100, 630.

medida de Deus. Essa missão toca a todos, pois, através de pequenos gestos concretos de caridade — visita a um doente, visita aos prisioneiros, caridade para com os necessitados, uma palavra de esperança para uma pessoa necessitada, oração por alguém etc. —, torno-me missionário da esperança. O missionário é aquele que leva para os outros, aquele que tem no coração, o amor de Jesus Cristo que dá sentido à vida e transforma a realidade.

6. CRIAÇÃO DA PASTORAL LAUDATO SI. Se um dos sinais da crise de esperança é o descaso com a casa comum, proponho criarmos, na Arquidiocese e nas Paróquias, a pastoral Laudato Si, que manifeste a nossa consciência com a preservação ecológica e com uma vida sustentável a partir da visão católica sobre a criação, principalmente tendo como base o texto da Laudato Si e outros textos do magistério. Deverá ser uma pastoral de conscientização, de oração e de ação, que mostre, através de pequenas e grandes iniciativas, que todos nós somos corresponsáveis pela preservação da obra da criação de Deus.

7. VALORIZE-SE O SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO, inclusive com celebrações preparatórias comunitárias, onde as pessoas são preparadas para se encontrar com o amor misericordioso de Deus que quer vir ao encontro da nossa miséria restaurando-nos e dando vida nova. Papa Francisco afirma que “não há modo melhor de conhecer a Deus do que deixar-se reconciliar por Ele (2Cor 5,20), saborear seu perdão. Por isso não renunciem à confissão, mas descubram a beleza do Sacramento da cura e da

alegria, a beleza do perdão dos pecados”¹².

Inúmeras outras atividades podem e devem acontecer em nossas Paróquias e comunidades. Essas sugestões têm a intenção de ajudar a vivermos de forma concreta este ano jubilar e a não deixarmos as graças deste tempo passar em vão.

3. UMA ESPERANÇA QUE IRRADIA

Estamos celebrando os 65 anos da nossa amada Arquidiocese de Brasília, uma Igreja jovem e viva que teve grandes pastores: Dom José Newton, Cardeal José Freire Falcão, Cardeal João Braz de Aviz, Cardeal Sergio da Rocha e, nestes tempos, por misericórdia de Deus, a mim. Uma Igreja que possui um clero muito bom e generoso, religiosos dedicados, um laicato comprometido que faz a diferença pelo seu engajamento e profunda generosidade.

No dia 12 de dezembro, celebrei quatro anos como pastor desta nossa amada Arquidiocese. Celebrar é rememorar, mas é principalmente olhar para frente vislumbrando novos horizontes para esta Igreja. No dia da minha posse, comentando o texto da visita da Virgem Maria a Isabel (Lc 1,39-45), relembrava: “A fé faz caminhar apressadamente, o caminho da fé liberta a existência. Maria representa os pobres de Iahweh, que não têm nenhuma outra riqueza a não ser Deus e que, por isso, se confiam totalmente ao seu amor misericordioso. Papa Francisco comenta que Maria ‘é a mulher orante e trabalhadora de Nazaré, mas é também Nossa Senhora da prontidão, a que sai ‘apressadamente’ (Lc 1,39) da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz dela um modelo eclesial para a Evan-

12. PAPA FRANCISCO, *Spes non confundit*, 23.

gelização' (EG. 288). A Igreja, mãe da ternura, caminha sempre como Maria, porque a sua dinâmica é caminhar. A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, a comunhão reveste-se essencialmente da forma de comunhão missionária. Por isso a Igreja sai para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões. Evangelizar é a missão da Igreja. Uma Igreja evangelizadora, missionária, se faz com a doação de todos(as): bispos, padres, religiosos(as), diáconos, novas comunidades, leigos(as). Quando todos, como discípulos missionários, se colocam a caminho na evangelização, na missão, a Igreja vai se tornando mais bonita. É junto que continuaremos a construir uma Igreja missionária, evangelizadora; que nos faremos presentes nos centros de decisão desta cidade, mas também nas periferias humanas e existenciais. Todas as forças vivas desta Igreja, como Maria, nos dirigiremos apressadamente, pois a pressa indica a busca de realizar a vontade de Deus. E a Igreja existe para realizar a vontade de Deus, não é outra a sua missão”.

Continuo a sonhar com essa Igreja que quer realizar a vontade de Deus e corre apressadamente na evangelização, na missão, na busca de ser presença de amor, de caridade, transformando a vida das pessoas. Já demos passos, mas nunca podemos esquecer que a Igreja existe para evangelizar. “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua tarefa mais profunda. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na Santa Missa, que é memorial da sua morte e gloriosa ressurreição”¹³.

Evangelizar significa colocar-se sempre diante da sua missão fundamental, assumindo o desafio de fazer com que o Evangelho habite

13. SÃO PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 14.

o mundo de hoje na sua complexidade: o mundo da cultura, da educação, da política, do comércio, do mercado, do esporte, da comunicação, do trabalho, o mundo digital, as periferias humanas e existenciais etc. Significa encontrar a linguagem, os símbolos e sinais que interpelam os nossos contemporâneos. O mandato de “sair” é explícito no Evangelho. A primeira geração saiu, fez o Evangelho chegar até o centro do mundo de então, Roma. Os Atos dos Apóstolos terminam com Paulo chegando prisioneiro em Roma. Lucas quer dizer que o Evangelho chegou até o centro do mundo político de então. As sucessivas gerações assumiram a missão evangelizadora. Hoje, somos nós que assumimos o mandato de Jesus de anunciar o Evangelho a todos os povos. Por isso, Papa Francisco, no início da *Evangelii Gaudium*, n. 19, afirma: “A evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: ‘Ide, pois, fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado’ (Mt 28,19-20). Nestes versículos, aparece o momento em que o Ressuscitado envia os seus a pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares, para que a fé n’Ele se estenda a todos os cantos da terra”. Naquele ‘ide’ de Jesus, estão presentes todos os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja e, hoje, todos somos chamados a esta nova “saída” missionária¹⁴. Esta nova saída missionária envolve a todos e todas.

Ninguém pode ficar indiferente, hoje a missão é nossa. Implica que nos coloquemos numa atitude de conversão pessoal e que examinemos se nossas estruturas são evangelizadoras e missionárias. O Documento de Aparecida nos exorta à conversão missionária: “Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e

14. PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 19.

de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé”¹⁵.

“Os pobres pedem à Igreja amor”. Por amor se entende respeito, acolhimento, reconhecimento, sem os quais dar alimento, dinheiro ou prestar serviço social representa uma forma de assistência importante, mas que não reconhece verdadeiramente a dignidade humana¹⁶. Agradeço, de coração, tudo que nossa Igreja vem fazendo, o seu belo testemunho através das pastorais sociais que testemunham a dimensão social da fé e de tantos outros grupos que estão próximos dos pobres. O querigma, afirma Papa Francisco, “possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade”¹⁷. Nesse sentido, uma Igreja missionária e evangelizadora é uma Igreja que manifesta, através do imperativo da caridade, a fidelidade ao seu Senhor. Queremos continuar a ter uma caridade operosa que vá ao encontro dos pobres, dos necessitados, das periferias humanas e existenciais. É preciso não termos medo de tocar a carne sofredora de Cristo, pois a caridade não é apêndice à fé, mas “pertence à natureza da Igreja, é expressão irrenunciável da sua essência”. É preciso estarmos atentos a novas formas de pobreza que exigem atuações diferenciadas da Igreja.

Um outro elemento importante deste caminho evangelizador e missionário da Igreja é o diálogo. São Paulo VI, na *Ecclesiam Suam*, já propunha o diálogo como caminho da Igreja. Papa Francisco, desde o início

do seu pontificado, nos propõe a cultura do encontro. Diz ele: “Alguns tentam fugir da realidade, refugiando-se em mundos privados, enquanto outros a enfrentam com violência destrutiva, mas, entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo. O diálogo entre as gerações, o diálogo no povo, porque todos somos povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade. Um país cresce quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística e a cultura tecnológica, a cultura econômica e a cultura da família, e a cultura dos meios de comunicação”¹⁸. A cultura do encontro se caracteriza pela capacidade de diálogo dos diversos atores da vida de uma sociedade para o seu bem. A cultura do diálogo nos ajudará a continuar a edificar uma sociedade mais humana, mais à altura da grandeza e dignidade do ser humano. Esperamos continuar a estabelecer, com os poderes constituídos e com a sociedade, um diálogo profícuo e respeitoso onde todos ganham porque é sempre o bem, a verdade que estão no centro.

Neste caminho de sermos uma Igreja evangelizadora, missionária, da proximidade, a Paróquia possui um papel fundamental, pois nela se chega à realidade concreta, onde se encontra o nosso amado povo com seus anseios, sofrimentos, alegrias e esperanças. A Paróquia precisa passar da conservação à missão, sendo comunidades vivas e lugares privilegiados onde a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e de sua Igreja¹⁹. Papa Francisco afirma: “A paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração. Através de todas as suas atividades, a paróquia incentiva e forma os

15. D.A, 365.

16. Uma Chiesa Sinodale in *Missione*, 4.a.

17. PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 177.

18. PAPA FRANCISCO, *Fratelli Tutti*, 199.

19. Documento de Aparecida, 304.

seus membros para serem agentes da evangelização. É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário²⁰. Faz-se necessário, neste nosso caminho de Arquidiocese, que nossas paróquias continuem a se tornar missionárias, evangelizadoras, expressão de uma Igreja em saída.

Hoje, estou convencido que qualquer Diocese ou Paróquia necessita fazer três opções fundamentais: pela iniciação à vida cristã; pela Juventude e pela família. Isso não quer dizer que as outras pastorais e movimentos não sejam importantes, todos são importantes. Justifico as três opções:

a) A iniciação à vida cristã deve estar no coração de uma Igreja evangelizadora, missionária, em saída, pois ela é um processo de formação do cristão maduro. É um processo gradual de conhecimento, amor e seguimento de Jesus Cristo. Ela forma o coração do discípulo missionário.

b) A juventude não pode ser esquecida, mas deve ser priorizada. É preciso uma opção clara pelos jovens, em que todas as pastorais, movimentos e grupos que trabalham evangelizando os jovens tenham espaço e sejam valorizados. É preciso que nossas comunidades experimentem a face jovem da Igreja, sejam um lugar onde se acolham os jovens, onde eles tenham liberdade de se expressar com o seu linguajar, alimentem seus sonhos e sejam conduzidos a um caminho bonito de discipulado de Jesus Cristo.

c) Também a pastoral familiar, os diversos movimentos e grupos que trabalham com a família precisam ser priorizados. É preciso uma opção renovada pela família, mas opção que tome forma concreta através de pastorais, grupos, movimentos que evangelizem, formem, ajudem os casais a viver o seu matrimônio, que ajudem a família cristã a viver a sua vocação

20. PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 28.

e o seu testemunho no mundo.

Enfim, essas prioridades não querem dizer que as outras pastorais e movimentos não sejam importantes. Todas as pastorais e movimentos são importantes, pois, com sua missão própria, enriquecem a comunidade, tornam-na mais bonita e evangelizadora. Todas são exortadas a colocar-se na dinâmica da missão, da evangelização, pois tudo na Igreja é evangelização, é missão.

É preciso sermos uma Igreja acolhedora, onde acolher seja uma missão. O Evangelho nos oferece tantos exemplos de acolhida, mas vem ao coração o exemplo de Marta que se preocupa em receber bem Jesus (Lc 10,38-42). Marta representa a mulher que acolhe. Acolher deve ser uma atitude fundamental para a comunidade cristã. Não se acolhe com uma norma na mão, mas com o amor que é o coração da fé. Muitas vezes queremos exigir o cumprimento de normas e regras de pessoas que procuram nossas comunidades pela primeira vez para o batismo de seus filhos ou para celebrarem o sacramento do matrimônio; ao invés de serem recebidas com o anúncio do amor de Deus, são espantadas pelas leis que lhes jogamos nas costas. A Igreja, quando age dessa forma, não é mãe amorosa que quer dar a riqueza da salvação aos seus filhos e àqueles que lhe procuram, mas torna-se casa da burocracia, uma alfândega. Acolher bem é evangelizar, como nos mostra o belo slogan de Aparecida do Norte.

Vivemos estes anos o sínodo sobre a Sinodalidade, em que fomos chamados a refletir sobre uma Igreja Sinodal. Um dos elementos centrais desse sínodo é a nossa forma de caminhar como Arquidiocese, como Paróquias e como comunidades. Sinodalidade é “caminhar juntos”, o que implica acolher o outro como um irmão de fé, que muitas vezes pensa diferente de mim, que se dedica a outra pastoral ou movimento, mas que

é um irmão de fé a quem devo respeito e amor. Caminhar juntos não pode ser uma expressão vazia, mas uma atitude existencial. Neste caminhar juntos, é essencial a valorização dos instrumentos de participação já existentes: conselho pastoral, conselho econômico, assembleias pastorais para discernir, avaliar e planejar a caminhada pastoral de nossas comunidades e Paróquias.

Na busca de crescermos na direção de uma Igreja mais evangélica, proponho, ainda, que consideremos com seriedade o número 50 do texto das conclusões da etapa do Sínodo de 2024, onde se fala de relações novas, isto é, de relações à medida do Evangelho: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). O amor é um imperativo central para o caminho de fé do discípulo de Jesus Cristo. Não há seguimento autêntico de Jesus Cristo sem o imperativo do amor: “Dou-vos um mandamento novo; que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13,34-35). O amor fraterno é, assim, uma missão que Jesus dá a cada um dos seus discípulos. A maneira como Jesus nos amou deve caracterizar o nosso amor. Ele nos amou até a doação da própria vida, por isso, por mais que amemos, sempre seremos devedores no campo do amor. A comunidade de fé deve ser a casa onde vamos aprendendo concretamente a trilhar o caminho do amor, onde o ágape seja a maior lei para todos. Através de relações à medida do Evangelho, demonstramos que somos discípulos de Jesus Cristo. São Paulo nos recorda que, ainda que falássemos a língua dos anjos, se não tivéssemos caridade, de nada adiantaria (1Cor 13,1). Santa Teresinha de Lisieux nos mostra que a caridade é o coração da Igreja: “Compreendi que a Igreja tem um coração, um coração ardente de amor; compreendi que só o amor fazia atuar os membros da Igreja (...); com-

preendi que o amor encerra em si todas as vocações, que o amor é tudo”²¹.

Na Igreja, há uma igualdade fundamental que une a todos e uma distinção ministerial. A igualdade fundamental se encontra na nossa dignidade comum de filhos e filhas de Deus que o sacramento do batismo nos deu; a distinção se dá em razão dos ministérios ordenados que estão a serviço do povo de Deus, aquilo que a *Lumen Gentium* denomina a constituição hierárquica da Igreja: “Para apascentar e aumentar sempre mais o Povo de Deus, Cristo Senhor instituiu na sua Igreja uma variedade de ministérios tendentes ao bem de todo o Corpo”²². Há uma diversidade de ministérios e carismas que estão a serviço do crescimento do Povo de Deus, da sua santificação. Assim, com uma corresponsabilidade diferenciada na vida e caminhada da comunidade, todos devem ser envolvidos na evangelização e missão. O ministro ordenado é aquele que tem a missão de coenvolver todos na vida da comunidade através das diversas pastorais, movimentos, atividades da vida da comunidade, grupos, equipes etc.; onde todos se sentem Igreja viva, a comunhão flui e os espaços de comunhão são promovidos²³.

Concluo esta pequena Carta Pastoral confiando à Virgem Maria, Mãe da Esperança, este ano jubilar e todas as atividades que acontecerão na nossa amada Arquidiocese de Brasília. A Virgem Maria é exemplo para nós de “Peregrina da esperança”. Como afirma nosso Papa Francisco: “N’Ela vemos como a esperança não seja um efêmero otimismo, mas dom de graça no realismo da vida. Como todas as mães, cada vez que olhava para o Filho, pensava no seu futuro, e certamente no coração trazia gravadas aquelas palavras que Simeão Lhe dirigira no templo: ‘Este menino está aqui para queda e ressurgimento de

21. Manuscrito B, 3-3vs.: *Opere complete* (Vaticano 1997), 223.

22. *Lumen Gentium*, 18

23. SÃO JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, 45.

muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma' (Lc 2,34-35). E, aos pés da cruz, enquanto via Jesus inocente sofrer e morrer, embora atravessada por terrível angústia, repetia o seu 'sim', sem perder a esperança e a confiança no Senhor.

Dessa forma, cooperava em nosso favor no cumprimento do que dissera seu Filho ao anunciar que Ele teria de 'sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da Lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias' (Mc 8,31), e, no parto daquela dor oferecida por amor, tornava-Se nossa Mãe, Mãe da esperança”²⁴.

Entrego esta Carta Pastoral à nossa amada Arquidiocese de Brasília na Solenidade de Maria, Mãe de Deus, 1 de janeiro de 2025.

+ Paulo Cezar Costa

Cardeal Arcebispo de Brasília

24. PAPA FRANCISCO, *Spes non confundit*, 24.



ARQUIDIOCESE DE
BRASÍLIA